

— 383 —

O SR. PRESIDENTE (*José Bonifácio*) — A propósito do discurso do nobre Deputado Paulo Macarini e acrescentando aos argumentos que ontem ofereci para negar a pretensão da Minoria, cumpra-me esclarecer que a decisão da Mesa ontem proferida, e contra a qual interpôs recurso o Líder da Oposição não feriu o Regimento, não violentou os direitos da Minoria e não desprestigiou a Câmara.

O art. 173 do Regimento diz com clareza meridiana:

O requerimento de urgência somente poderá ser submetido à deliberação do plenário se for apresentado.

I —

II — pelos Líderes da Maioria, Minoria ou de Bloco Parlamentar.

Mas o dispositivo não me obriga a submeter o requerimento de urgência à deliberação do plenário, porque diz claramente: “poderá”; não diz “está obrigado”. Intercalada a frase: “O requerimento de urgência somente poderá”, significa que a decisão cabe a quem organiza a Ordem do Dia. Pelo Regimento Interno da Casa. Art. 20 letra X, está bem claro:

Art. 20. São atribuições do Presidente:

Letra X — Fazer organizar, sob sua responsabilidade e direção, a Ordem do Dia da sessão-seguinte e anunciá-la ao término dos trabalhos.

Sendo assim, cabe à Presidência organizar a Ordem do Dia e submeter ou não o requerimento de urgência à votação da Casa.

Ora, o art. 177 esclarece:

“Excetuado o disposto no artigo seguinte, não serão aceitos requerimentos de urgência estando em tramitação duas matérias sob este regime.

Dois são os partidos da Casa. Então, o Deputado Batista Ramos, seguindo aliás, numerosas decisões anteriores, estabeleceu que a Mesa usaria o critério de alternar dois requerimentos de urgência, um para a ARENA e um para o MDB, guardada a proporcionalidade.

Pareceu-me a única regra possível a ser aplicada, para conciliar os dois interesses, o da Maioria e o da Minoria. Daí a minha decisão, contra a qual a Oposição interpôs recurso.

Nestas condições, mantenho e aguardo como é da minha obrigação, a interpretação que será oferecida, na época oportuna, pela nobre Comissão de Justiça.

 SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Almir Turisco.

O SR. ALMIR TURISCO — Sr. Presidente, Srs. Deputados, assumi o mandato que me foi conferido pelo povo consciente do papel que está reservado aos parlamentares em nossos dias. É preciso que se fale claramente: o destino dos povos é decidido hoje, menos nas salas de reuniões e nas assembléias que

J. VENTUDE

— 384 —

nos campos de batalha e nas praças onde a violência se impõe ao entendimento humano. Sim, senhores: vivemos sob a égide da violência. Queiramos ou não, concordemos ou não, sejamos contra ou a favor, isso não importa. O fato é que a violência é a condição sob a qual vivemos. Quem negará que a paz mundial depende mais do desenvolvimento da guerra do Vietnã que das conferências realizadas em Paris? Quem desconhecerá que no mundo inteiro os grupos de interesses resolvem seus conflitos, menos nas confabulações realizadas às portas fechadas que num choque frontal realizado a céu aberto?

Quem ousará desmentir que o futuro do grande povo norte-americano foge às mãos das elites dirigentes daquele país, transferindo-se às mãos das grandes massas populares, como as do negro, do pobre e do estudante?

Quem se negará a ver que os assassinatos de Malcom X, Luther King, de John e Bob Kennedy nos dão mostra de que a violência estendeu o seu império até as cidadelas do país mais adiantado do mundo?

Finalmente, quem conseguirá ser cego a ponto de desconhecer que em todo o mundo os homens se matam como jamais se mataram, que as grandes potências constroem armas nucleares de poder incalculável, que em Paris, Roma, Praga e em quase todas as grandes metrópoles européias o sangue suja o asfalto em consequência de um violento choque das diversas forças em luta?

Quem conseguirá ser cego a ponto de desconhecer o fato de que nos Estados Unidos jamais se vendeu tantas armas de fogo?

Srs. Deputados, quem de nós desconhece que as guerrilhas proliferaram em nosso próprio Continente?

Vivemos sob a égide da violência. Esta não é uma descoberta minha. Muito menos invenção. Esta é uma constatação objetiva. Só não vê quem não quer. É muito significativo o fato de que o arcebispo de Recife, D. Helder Câmara, que sempre foi conhecido como um dos mais ardorosos partidários da não-violência, tenha feito uma conferência na França, constatando exatamente isso: a violência é a condição sob a qual os homens se relacionam uns com os outros no mundo de hoje.

Por essa razão, Senhores, e somente por essa, os instrumentos da violência estão fadados a desempenhar um papel de fundamental importância em nossos dias, enquanto os instrumentos do entendimento tendem a ocupar um papel secundário. Por essa razão, e não por outra, os homens que manipulam a força tornam-se os verdadeiros dirigentes, enquanto os que utilizam a razão vão se transformando em seus auxiliares. Por essa razão os exércitos passam a constituir a verdadeira essência dos governos, enquanto os parlamentos tornam-se acessórios. Esta é a verdade nua e crua, por mais que sintamos nossos brios feridos. Qual de nós ousará apresentar um projeto, uma emenda, qual de nós pronunciará nesta Casa uma só palavra um pouco mais ousada sem antes consultar a si mesmo sobre as possíveis repercussões junto às forças armadas? Qual de nós se sente garantido por suas imunidades parlamentares? Quem não se vê vigiado, policiado pelas forças da violência, quem desconhece que é preciso ter coragem

— 385 —

para falar, para usar a razão, para manifestar o pensamento nesta Casa onde as palavras precisam ser ditas claramente, nessa Casa cuja única razão de ser é a existência do entendimento humano?

Não se trata de uma peculiaridade brasileira. Estaríamos simplificando as coisas se afirmássemos que a ditadura do General Costa e Silva é incompatível com os tempos modernos. Muito pelo contrário. O General e os demais militares que controlam de fato o país estão perfeitamente sintonizados com os modernos métodos de dominação política. O General e as forças políticas que o sustentam estão muito atualizados. Desatualizados estamos nós, a Oposição. Desatualizados são todas as forças que se apoiam na razão e no entendimento humano. Desatualizados são os parlamentares e os políticos que creem no primado da razão sobre a violência. Atualizados são os políticos que se prestam a desempenhar o papel de ordenanças das altas patentes militares. Atualizados são aqueles que vêm a esta Casa para tomar cafézinho porque sabem que a última palavra cabe ao Executivo. Atualizados são os que aceitam o cretinismo parlamentar como fato consumado.

Atualizados são os que se acomodam à crise geral da democracia parlamentar moderna.

Sim, esta é a conclusão fundamental: a democracia parlamentar está em crise. Nos parlamentos existem homens pragmáticos que convivem comodamente com essa democracia, aceitando-a como uma instituição decadente, e homens idealistas Dom Quixotes do século XX, que lutam e que sonham em fazê-lo renascer. Sim a democracia parlamentar está em crise. Na verdade os governos parlamentares estão se mostrando incapazes de ser um governo do povo pelo povo. Na verdade os parlamentos estão se mostrando impotentes de defender os interesses do povo. Na verdade as idéias e palavras dos parlamentares estão se mostrando inoperantes para defender as reivindicações populares. Na verdade o povo não pode esperar que seus interesses sejam definidos pelo entendimento e pela razão de seus representantes porque numa época de violência, a linguagem dos interesses é a linguagem das armas.

Senhores, a democracia parlamentar pressupõe o livre jogo das forças democráticas. A democracia parlamentar pressupõe a soberania da vontade popular, expressa na voz de seus representantes. A soberania popular quando manifesta livremente em um parlamento este se incendia e todo o povo tem as suas atenções voltadas para ele, pois sabe que ali estão sendo resolvidos problemas de fundamental importância para a nação. Quando a vontade popular é soberana os interesses dos diversos grupos em luta se chocam nos parlamentos e estes se tornam espinha dorsal do país. Quando a democracia parlamentar está viva, quando o povo decide, através de seus representantes, a vida do parlamento reflete a própria vida do país. A isto se convencionou chamar o "livre jogo do processo democrático": a luta de idéias, num parlamento que expressa a luta de interesses travada na Nação. Onde está esta luta? Aqui? Não sejamos ingênuos. Não sejamos simplórios ou pior que isso, não sejamos hipócritas. Aqui não há luta de idéias. As pifias lutas que porventura se travam nesta Casa refle-

An. Câm. Dep., Brasília, v. 16: 285-415, jun./jul. 1968

— 386 —

tem o choque de interesses particulares de um ou de outro político que, não podendo defender o povo na tribuna, trata de defender a si mesmo e seus apadrinhados.

Apontem-me um só problema que discutido hoje nesta Casa, tenha o poder de mobilizar a opinião pública!

É exatamente por ter consciência destes fatos que estou convencido de que as palavras que pronuncio neste momento, por exemplo, significam muito pouco. Nossas palavras valem quase nada senhores: é quase trágico. É quase absurdo mas os representantes do povo não têm condições de representá-lo efetivamente.

Onde está o choque de idéias? Onde o livre jôgo do processo democrático. Em toda a nação os interesses se chocam. E nesta Casa o que vemos? A paz. A santa paz dos cemitérios.

O Sr. Aniz Badra — Nobre Deputado, acompanho com interesse a oração de V. Exa. Desejaria lembrar, uma vez que V. Exa. tece críticas generalizadas, principalmente ao poder representativo, isto é, ao que fazemos nesta Casa, somente uma passagem muito recente: quando os estudantes estiveram acuados ai fora para onde foram eles? Vieram para esta Casa buscar guarida, buscar o Parlamento brasileiro, buscar os representantes do povo para terem o consolo e a garantia de que tanto necessitavam. Conseqüentemente, esta Casa ainda é a ressonância do povo, porque somos nós que representamos legitimamente o povo brasileiro.

O SR. ALMIR TURISCO — Refiro-me, nobre Deputado, àqueles que se acomodam ao Poder Executivo. Os estudantes vieram aqui procurar os Deputados da Oposição, porque ainda há uma parcela de homens aqui dentro que falam em liberdade.

O Sr. Aniz Badra — V. Exa. deve considerar que tanto os homens da Oposição, quanto os da Situação são representantes do povo. É uma questão meramente de posição. Agora, quando V. Exa. diz que muitos vêm tomar cafêzinho, não é inteiramente exato. Eles vêm também sentir o problema da Nação. O café é simplesmente um lenitivo.

O SR. ALMIR TURISCO — Vêm tomar cafêzinho e aguardar as ordens do Executivo.

O Sr. Aniz Badra — Como bem diz o nobre Deputado David Lerer, o café não é um lenitivo, mas um estimulante.

O SR. ALMIR TURISCO — Muito obrigado a V. Exa.

Costuma-se dizer que depois de eleitos os políticos voltam as costas ao povo. Isto nem sempre é verdade. Conosco o que está acontecendo é, de um modo geral, exatamente o contrário. O povo é que nos deu as costas. O povo percebeu que nossas belas palavras de nada valem. O povo compreendeu que em tempo de violência a Casa onde se parlamenta, onde se fala, onde se discute, é uma Casa de candinhas desocupadas. É em decorrência disso que o povo resolveu tomar seu próprio destino nas mãos.

— 387 —

O Sr. David Lerer — Nobre Deputado Almir Turisco, ilustre representante do Estado de Goiás, conhecemos V. Exa. há três meses nesta Casa. V. Exa. se tem destacado pela constância, pela presença em todos os momentos, pelo comparecimento assíduo e pelo debate dos grandes temas nacionais. Por esta razão, venho, em primeiro lugar cumprimentar Vossa Excelência pelo discurso que está pronunciando. V. Exa. está correto. V. Exa. está fazendo um diagnóstico do estado de saúde do Poder Legislativo, e não é culpa do médico se o estado de saúde do paciente não é bom. De fato, o Poder Legislativo é isso ou quase isso que V. Exa. está descrevendo. Mas, se esta Casa está tão desprestigiada aos olhos da Nação, não se deve tanto à sua inautenticidade, mas, quem sabe, ao fato de o povo estar devidamente consciente da nossa impotência. O povo como disse V. Exa., mesmo aos Deputados da Oposição volta as costas, mas não pelo fato de sermos inautênticos. Pessoalmente, até temos diálogo com eles. O que há é que o povo convenceu de que somos impotentes para modificar parlamentarmente o estado de coisas que aí está neste País. E por esta razão, o povo — como V. Exa. muito bem asseverou — tomou em suas próprias mãos, pelos seus próprios métodos, a modificação do *statu quo*. A nós resta apenas uma coisa a fazer: humildemente reconhecemos o estado de saúde desta Casa e tomarmos a providência imediata e urgente de voltarmos às raízes populares das quais somos oriundos, de irmos procurar, nas ruas com os estudantes, com os padres, com os professores e com as mães de família com todos eles, que constituem realmente as forças vivas desta Nação, aquilo que aqui nos falta, que é a alma, que é o poder de modificar o estado em que se encontra esta Nação. É o que devemos fazer e devemos fazê-lo urgentemente. Tenho a impressão, pelo que conheço de V. Exa. que serão provavelmente estas as conclusões às quais V. Exa. chegará e, desde já, cumprimento V. Exa. pelo, quem sabe, traumatizante mas sem dúvida alguma, cheio de verdades, discurso que está pronunciando.

O SR. ALMIR TURISCO — Muito obrigado a V. Exa. É exatamente este o meu pensamento.

É em decorrência disso que ele está preferindo decidir os seus problemas nas ruas e nas praças. É em decorrência disso que o povo está optando pela violência. O que significa o choque violento dos estudantes de todo o país ante as forças da repressão, senão isso: que a camada mais culta da população perdeu a crença no entendimento como meio de resolver os seus problemas?

Aí está o verdadeiro jogo do processo democrático: nas ruas. Aí são decididos de fato os reais problemas do povo: nas praças públicas. Aí as idéias nascem, crescem e se chocam: nas universidades. Aí está a verdadeira espinha dorsal da nação: nas mãos dos jovens. Nós estamos marginalizados. Ninguém sabe se existimos. Falamos sobre amenidades, discutimos sobre o tempo e a moda. Apresentamos projetos, fazemos emendas, modificamos o regimento interno, seguimos a Ordem do Dia, fazemos votos de louvor e de pesar. Os estudantes estes sim, estes lutam para resolver os problemas do povo. São eles os seus verdadeiros representantes. Não rece-

— 388 —

beram nenhum mandato, sacramentado pelo voto popular. Não utilizaram palavras para se elegeram (Eles sabem que as palavras estão valendo muito pouco). Eles aprenderam, mais cedo do que nós, a linguagem da violência.

O Sr. *Paulo Campos* — Nobre Deputado Almir Turisco, os meus cumprimentos pela sua estréia na tribuna do Grande Expediente da Câmara dos Deputados. E tenho a honra de abordá-lo exatamente quando V. Exa. invoca o ponto alto que já se vislumbra do seu pronunciamento, quando V. Exa. se refere aos estudantes. Ainda há pouco, tive oportunidade de analisar aqui, nesta tribuna mais baixa, que, na verdade os estudantes não só do Brasil, mas de todos os povos, constituem-se como a grande vanguarda da consciência nacional. Hoje essa vanguarda já é uma coluna de mobilização popular, representada pelo magnífico episódio histórico, construtivamente histórico, da grande passeata que se deu na Guanabara, recentemente. Já não eram apenas os estudantes, mas era todo o povo integrado, o povo engajado pela mais diversas representações. Desde as mães aos professores, os trabalhadores, os favelados, empresários, religiosas e religiosos caminharam com os jovens sentaram-se nas praças públicas para ouvir a voz jovem, a voz do jovem do Brasil, da cultura brasileira que se afirma. Sem dúvida que é um episódio e uma escalada, digamos assim, para a retomada das condições do desenvolvimento, do espírito democrático desta Nação. Vejo que V. Exa. fundamenta o seu pronunciamento num tema chamejante de valor histórico e social, e fundamenta-o com coragem cívica. Os meus cumprimentos, nobre Deputado Almir Turisco.

O SR. ALMIR TURISCO — O aparte de V. Exa. é uma grande honra para mim, porque conheço de perto as suas nobres idéias, pelas lutas que sustentamos em nosso Estado.

Hoje, já não fazem tantos discursos: calaram suas bocas. Já não gastam tantas palavras: sufocaram suas vozes. Hoje, os estudantes estão aprendendo a responder violentamente à violência governamental. Também eles estão agora atualizados. Atualizados como o governo. Atualizados como os Senhores Deputados da situação. Atualizados como nossas forças armadas, que freqüentemente mandam seus oficiais aos Estados Unidos aprender as mais modernas técnicas de utilizar a violência. Atualizados como nossa polícia que recebe do ponto IV vultosa ajuda técnica necessária a utilização de doses de violência cada vez maior contra o povo.

Nós, que pretendemos vitalizar a democracia parlamentar, somos os ultrapassados.

O Sr. *Antônio Magalhães* — Ilustre Deputado Almir Turisco, se o Governo se dignasse ouvir ponderações como as que V. Exa. agora faz, por certo estaria reajustando suas diretrizes caducas e aquiescendo ao clamor da nossa juventude, que protesta contra a estagnação contra a violência e contra a supressão da liberdade neste País. O que ela pretende, nobre Deputado, nada mais é do que democratização nada mais é do que modernizar e popularizar a universidade brasileira.

— 389 —

adaptando-a a uma realidade que é nossa, luta em que põe em jôgo todo o ardor e entusiasmo que só a mocidade sabe possuir não medindo sacrifícios para desafiar êsse Governo omisso, de opressão e ultrapassado. Ilustre Deputado Almir Turisco não poderia deixar de aplaudir a brilhante exposição que V. Exa. ora desenvolve que muito bem enaltece sua vivência dos problemas políticos nacionais.

O SR. ALMIR TURISCO — Muito obrigado a V. Exa. Assim, Srs. Deputados, é que existem no país, apenas duas forças atualizadas que sabem utilizar a verdadeira linguagem de nossa época: a força da repressão e a força dos jovens.

Dois poderes: o poder da ditadura militar e aquilo que se convencionou chamar Poder Jovem.

O que é isso? Eu compreendo que este é o grande enigma que precisa ser desvendado. Por que de um momento para outro os jovens tomaram de assalto o mundo? Quando começou? Como? Onde? em Pequim? Foram os guardas vermelhos?

Em Chicago? Foram os líderes negros, de quase vinte anos?

Em Londres? Foram os *beatniks*? Em Paris? Em Cuba?

Foi no Rio ou em São Paulo? Aqui em Brasília? Na Universidade? Onde? Em nossos lares? Nossos filhos? Nossos netos? Quem começou?

É possível definir com clareza. Foi um movimento único: milhares de jovens em todo o mundo se levantaram num só gesto contra as instituições, contra os velhos, contra uma ordem que a nós parecia perfeitamente razoável. De repente nossos valores começaram a ser contestados.

O Sr. *Pereira Pinto* — Nobre Deputado, como representante do Estado do Rio, não poderia deixar de ter a honra de apartear-lo, nesta bela peça oratória que V. Exa. está fazendo neste momento. Realmente nosso País é como uma propriedade cansada, quando o fazendeiro teima em esperar a chuva para poder plantar. Há necessidade, Sr. Deputado de uma destocagem da queima das matas, e depois o tombamento de terras; enfim, uma reforma de estrutura e não uma reforma como conforme ontem aqui ouvimos do bravo Líder do Governo, a que, em 48 horas, o Governo fez no ensino nesta terra. É impossível resolver o problema deste País com fatos instantâneos. A reforma tem de ser de estrutura de base e, enquanto este Governo teimar em fazer reformas desse tipo, haverá sempre passeatas, haverá sempre os dissídios coletivos, haverá o protesto do jovem que está cansado de esperar.

O SR. ALMIR TURISCO — Muito obrigado. O aparte de V. Exa. me honra, mormente porque sei que seu pai, Senador *Pereira Pinto*, foi um dos grandes baluartes do PSD fluminense.

O que era bom para nós passou a ser mau para eles. O que tínhamos como certo tornou-se errado. O que aprovamos, era desaprovado. Nossos princípios, nossos sólidos princípios, passaram a ser o fim. Nossas palavras perdiam o sentido e o que diziam não entendíamos. Nossa experiência virou tolice. Eramos mestres; fizemo-nos discípulos. De educadores passamos a ser educados.

— 390 —

Que fenômeno é esse, que diabólico milagre veio subverter todas as leis universais arredando-nos de nossa sólida morada? Como explicar a arrogância de moços que ontem mesmo ouvia-nos atento, compreensivo, dócil e obediente? Que força sobrenatural, que espírito malvado tirou as coisas do lugar? Qual foi o filósofo, qual foi o mau conselheiro que enfiou essas idéias na cabeça da juventude, antes tão pura e inocente? Crianças de quatorze anos falam sobre o sexo e ridicularizam os chamados tabus da virgindade. Fedelhos que mal saíram do berço já se outorgam o direito de emitir opiniões políticas. Meninos e meninas de ginásio desafiam as tradições, a moral, a religião, as autoridades e o Estado. Que está acontecendo afinal?

O choque de gerações não é nenhuma novidade. A bíblia conta-nos o caso das filhas de Noé, que embriagaram o velho patriarca divertindo-se em zombar do seu ridículo estado de semi-consciência. A História nos conta que Sócrates foi acusado de corromper a juventude por ensinar-lhes idéias que iam contra os princípios e as tradições decorrentes pelo Estado. Sabe-se que na Idade Média os pais mantinham as filhas presas em seus castelos por temer que os varões as raptassem e, quase sempre, que havia oportunidade, os jovens se rebelavam contra as imposições paternas.

Para ficar no Brasil: no século passado nossos jovens românticos escandalizavam as tradicionais famílias com suas aventuras amorosas e com seus versos libertinos. Ainda no Brasil: quem senão os nossos jovens tenentes fizeram ruir os alicerces da velha república?

Não é nova a rebeldia dos jovens. O que é novo é a sua extensão, a sua profundidade, a sua força. Já não se trata mais de fatos isolados. Já não se trata de problemas surgidos numa ou noutra área da realidade social. Trata-se de uma avalanche. De um movimento que penetra em todos os níveis da existência. Moços e rapazes espezinham os velhos onde quer que cheguem. E uma cambada de vândalos de cabelos longos, de bigodes crescidos, armados de pedras, de porretes, de bombas incendiárias e de guitarras. Isto não é força de expressão. Trata-se do sentido literal das palavras: pedras, porretes, bombas e guitarras. São os instrumentos com os quais lutam os estudantes em todo o mundo. No Estados Unidos, na América Central e na América do Sul, na Europa, na velha Europa, na Sorbone, na tradicional Sorbone. É verdade que ali as guitarras quase nunca aparecem, mas se prestarmos atenção vemos algumas. As pedras, os porretes e as bombas incendiárias são mais freqüentes. Guitarras aparecem mais nas televisões onde a juventude esguela, tresloucada, desesperada e violentamente contra as nossas canções de ninar.

É uma só onda de violência juvenil incontida. Uma violência que passa a dirigir todas as demais forças.

Quem controla as redações dos jornais senão os jovens? Ali está a marca do seu dedo, nas primeiras páginas dos jornais. Nas fotos e nas manchetes, feitas de sangue e de violência. Todos sabemos que a última palavra cabe à juventude. Não é por outra razão que as grandes empresas estão hoje dirigindo todo o esforço de suas vendas em direção ao público jovem porque este é o grande consumidor. Os industriais são

— 391 —

obrigados a se curvar aos seus gostos extravagantes. Os rituais religiosos, pasmem senhores, os rituais religiosos, aquilo que sempre foi a quinta essência do conservadorismo e da tradição estão sendo reestruturados segundo as preferências juvenis. Os templos e as igrejas perderam a sua milenar introspecção tornando-se as catedrais da violência, onde se berra o *iê-iê-iê*, onde se fazem discursos contra os velhos dógmas, onde explodem bombas de gás, onde se trocam tiros.

O Sr. José Maria Magalhães — Nobre Deputado, quero apenas, associar-me às palavras de V. Exa. que faz um exame realmente exato e sobranceiro da situação atual em que vivemos. Nós, também nos colocamos no mesmo sentido de V. Exa., inconformados com este estado de coisas. É com tristeza que assistimos a esta caminhada para o comodismo de uns e o militarismo de outros, com o cerceamento das liberdades públicas, que, gradativamente, estão sendo julgadas. Ontem foi cassado o direito das Capitais dos nossos Estados de escolher seus prefeitos, depois veio eleição indireta, agora nestes dias, outra lei, cassando os municípios considerados estranhamente de segurança nacional.

Estamos, Srs. Deputados, num declive e cada dia mais caminhamos para o regime de exceção, ou para o caos. V. Exa., nesta oportunidade, clama, muito justamente, por outra solução do entendimento, a solução democrática, a solução que ausculte o povo, a solução vinda das camadas populares para as cúpulas. É a Solução que vemos como a única necessária e urgente para a nossa Pátria. Assim sendo, Sr. Deputado, associo-me às palavras de V. Exa. e também me torno rebelde contra o comodismo que avassala a nossa Pátria, contra o servilismo, contra os esquemas maquiavélicos, contra o raposismo, contra a politicagem, contra tudo aquilo que atenta contra as liberdades públicas.

O SR. ALMIR TURISCO — Agradeço a honra do aparte de V. Exa., um dos mais insígnies representantes do povo nesta Casa.

Onde quer que estejam os jovens aí está a violência. A violência e os jovens tomam conta do mundo. A juventude é uma rebelião. Eles contam agora com um poder e tratam de colocá-lo em exercício. (Sei que a grande esperança dos conservadores é a de encontrar entre os próprios rapazes e moças alguns mais sensatos, alguns mais pacíficos, alguns partidários da não violência). Acaso não existe em todo o mundo um só grupo de jovens para nos salvar? Os *Hippies*. Eles dizem que é preciso fazer o amor e não a guerra. Eles gostam de flores. Estes meninos nos parecem mais bonzinhos. Enganam-se senhores: por trás de seu aparente pacifismo esconde-se uma incontida revolta contra a ordem estabelecida, contra as velhas tradições, contra o nosso modo de ser, contra o mundo que lhe demos. A paz que pregam é a guerra contra os nossos valores. O amor pelo qual conclamam é o ódio às nossas imposições. São eles os mais ardorosos e extremados prosélitos do primado da violência sobre a razão.

Não adianta procurar: o modo de ser natural da juventude é hoje o da utilização da violência como forma de manifestação de sua própria atividade vital. Na sua grande maioria,

— 392 —

no seu conjunto os jovens constituem uma força assentada na violência. Uma força independente de nós, uma força contrária a ordem estabelecida, uma força que nega a própria sociedade na qual vivem, uma força viva, uma força que luta pelos seus próprios interesses, uma força que se manifesta sob mais diferentes formas, uma força que impõe, uma força que toma corpo, que cresce, que se organiza e se transforma num poder.

É isto senhores, o Poder Jovem.

Todos temos o direito de ser a favor ou de ser contra. Podemos censurar os jovens, podemos chorar porque hoje não é mais como antes, podemos rezar para que a situação melhore e que os jovens criem juízo. O que se admite é que se desconheça a existência deste Poder. Ele existe: este é o fato consumado. São Tomé, aquêle que queria ver para crer, se estivesse vivo certamente diria: o Poder Jovem existe. Ele o veria em sua própria casa, no ônibus, nas ruas, nas televisões, nas folhas de jornais. Se fôsse um pouco observador conseguiria vê-lo insinuando-se nesta casa, talvez nas galerias, talvez, entre os jornalistas que aqui vêm fazer cobertura. Também sou como São Tomé, mas creio porque não sou cego e estou vendo.

Está certo. Este poder existe. De repente surgiu e penetrou em toda parte. De repente generalizou-se. Sua marcha fundamental é a marca da violência. Tudo isso, muito certo, mas como foi gerado? Isto está por ser explicado.

Vejamos. Em primeiro lugar é preciso compreender porque os jovens se constituíram numa força própria e depois, porque optaram pela violência.

Na verdade êsses dois aspectos do problema são inseparáveis. Vamos discuti-los entretanto cada um à sua vez, apenas para efeito de análise. Começemos perguntando: por que os jovens constituíram uma força independente?

É que antes disso os velhos constituíam uma força independente deles. E isto, muita gente procura desconhecer.

Antes do Poder Jovem, existia o Povo Velho: e o óbvio ululante como dizia o Nelson Rodrigues. Mas o óbvio que muita gente não vê ou não quer ver, antes do Poder Jovem havia o Velho Poder, o poder das forças cansadas. O destino do jovem dependia do caminho que os mais velhos lhes traçavam.

A coisa começava em casa: se o pai era rico ditava-lhe o caminho a seguir herdando-lhe uma fortuna. Encontrava a cama feita, como era costume dizer. Era só gastar a herança ou tratar dos negócios do pai. Se o pai era remediado colocava-o numa escola, muitas vezes aconselhando a seguir uma profissão e orientava-o na vida. Depois de formado, o filho se transformava num profissional liberal de conceito ilibado, constituía família e estava tudo arrumado.

Se o filho era pobre aprendia ofício do pai e continuava pobre como o velho. Nos três casos havia uma constante: o pai tinha o poder de decisão sobre o futuro do filho. O poder dos Velhos se estendia até a vida sentimental; eram os pais quem escolhiam muitas vezes as noivas e os noivos dos filhos. Quando saíam da esfera da dominação paterna os filhos eram

— 393 —

dirigidos pelos seus professôres, pelos padrinhos, pelos seus patrões e pelos políticos aos quais se ligavam por laços de amizade. Não vamos examinar caso por caso.

Vejamos apenas os que nos parecem mais típicos: o caso do trabalhador rural, por exemplo. Caso que conheço de perto, pois sou fazendeiro e vivi grande parte de minha vida na zona rural.

O menino nascia filho de lavrador e aprendia lavrar a terra com o pai. Tornava-se lavrador. Se caía nas graças do patrão tinha possibilidade de ocupar uma posição de melhor destaque na fazenda. Aí passava a depender, não mais do poder do velho pai, mas do velho fazendeiro. Se o fazendeiro era um político ou tinha relações políticas, quando o môço crescia e tinha filhos, conseguia escola e colocação para os meninos. E assim por diante. O fundamental era o seguinte: havia sempre uma relação de dependência entre velhos e jovens. O futuro dos jovens dependia do Poder dos velhos. Estes tinham força e capacidade de garantir àqueles um futuro. Mais que isso: tinham a capacidade de decidir sôbre o futuro de seus dependentes. Se o jovem caísse na desgraça do velho este tirava-lhe o chão dos pés.

Vejamos agora outro caso: o aluno na escola. Os velhos mestres preparavam os discipulos para a vida. Estes sabiam que, ao se formar iriam ocupar uma *status* relativamente elevado na comunidade da qual faziam parte. Nada mais tinham a fazer senão ouvir respeitosamente as doudas palavras do professor. Independentemente dos mestres dizerem verdade ou mentiras quanto mais assimilassem seus conhecimento mais capacitados estariam os alunos para saírem da Escola cheios de medalhas e com seus diplomas debaixo do braço. Esse procedimento lhes conferiam respeitosamente e em decorrência, um futuro promissor. Lá ia o môço se casar com rica donzela, filha de família não menos respeitável.

Enfim: os jovens estavam na total dependência dos mais velhos que controlavam os canais de ascensão social.

No Brasil esta ordem de coisas teve sua época áurea no final da Velha República. A partir daí a situação começou a mudar. O rápido desenvolvimento industrial, experimentado pelo país jogou por terra os laços de dependência pessoal. Da revolução de 30 para cá os políticos começaram a se mostrar incapazes de atender aos apêlos de sua clientela. Hoje a situação é crítica. Qual dos Srs. Deputados é capaz de atender a todos os pedidos de emprêgo que lhes são solicitados por seus respectivos eleitorados? Qual não tem problema desta natureza?

A partir da revolução industrial, iniciada no Brasil em 1930, passou a ser impossível aos velhos se responsabilizarem pelo futuro dos jovens. Um estudante ia para a universidade, formava-se, tinha um diploma: aí começava a luta. Tinha que arranjar emprêgo. Depois tinha que concorrer com os colegas. Um velho fazendeiro ou industrial morria, aí o filho tinha que começar a trabalhar duro porque senão ia à falência, pois os produtores concorriam violentamente uns com os outros. Um velho trabalhador metalúrgico ou tecelão conseguia arranjar um emprêgo para o filho na fábrica, mas am-

— 394 —

bos tinham que ficar atentos porque o mercado de trabalho se tornava cada vez mais competitivo. Um dos dois poderia ser mandado embora a qualquer momento. O futuro dos dois corria perigo.

Ninguém mais poderia se responsabilizar pelo futuro de ninguém. Foi um salve-se quem puder. Era a luta dos mais fortes contra os mais fracos. O indivíduo tinha que se fazer por si mesmo. Era cada um por si. A sociedade se atomizava. O indivíduo ilhava-se. Era o mundo da competição. O homem tornou-se o lobo do homem, como dizia Hobbes. Era preciso utilizar todos os meios para sobreviver. Enquanto o fenômeno se iniciou em 1930 aqui, na Europa e no resto do mundo civilizado já havia se iniciado há mais de cem anos.

Em 1930 portanto o Brasil estava se atualizando. Começou a valer tudo. Os interesses de uns se chocavam com os interesses de outros de forma cada vez mais violenta e, para se defender, os homens começaram a se organizar em grupos de interesses. Os partidos políticos representam a forma mais avançada destes tipos de organizações. Mas havia ainda as Associações Comerciais, os Clubes Lojistas, as Federações das Indústrias, as Associações Rurais, os grêmios estudantis, os diretórios acadêmicos, as uniões nacionais de estudantes, os sindicatos de trabalhadores e até ligas camponesas.

Os militares não se contentavam em se organizar nos quartéis e começaram a se organizar nos clubes dos oficiais, nos clubes dos sargentos, nas associações de marinheiros. Para garantir o seu futuro, para se defender, os indivíduos levaram os seus problemas para dentro de suas respectivas organizações, de seus partidos, de suas associações de classes. O choque de interesses deixou então de se travar entre indivíduos e se transferiu para a esfera das organizações. Enquanto esse choque não era suficientemente forte para turvar a razão, eles se manifestavam de maneira mais viva nos parlamentos. Ali estavam os partidos presentes. Ali estavam os representantes dos diversos grupos em luta. Ali se procurava a saída mais racional e lógica para os problemas que afligiam o povo.

Mas os choques foram se tornando cada vez mais violentos e as organizações e os grupos mais fortes iam submetendo os mais fracos. Isso até ao ponto em que chegamos hoje. No ponto em que sobraram dois grandes grupos, duas grandes forças, dois grandes agrupamentos em luta: um institucionalizado, sacramentado e bem estruturado; outro menos organizado, mais disforme, porém forte pela extensão e sua bravura.

Um, o Estado Militarista; outro o Poder Jovem.

Assim nasceu o Poder Jovem: Ambos filhos do jogo de interesses contrários.

Feitos assim tão iguais era natural que um se apoiasse no outro. Na medida em que um crescia, o outro ganhava forças. A violência de uma tornava-se violência no outro.

Aprenderam muito com as brigas. Um aprendeu a desfilar em paradas, outra a fazer passeatas: um a desfraldar bandeiras, outro faixas e cartazes; um tinha o porte de arrogância, outro o do desafio; um entoava hinos, outro canções de protesto. Aprenderam mais: o primeiro aprendeu a cavalgar no

— 395 —

asfalto, a jogar água no povo, a utilizar o cacete, bombas lacrimogêneas. O primeiro aprendeu muito! Muito senhores. Aprendeu demais!

Aprendeu a assassinar uma criança nas portas do Calabouço.

Como não poderia deixar de ser o segundo também foi aprendendo a seu modo: aprendeu a fazer discursos, comícios relâmpagos, lançar pedras, porretes e bombas incendiárias. Agora está aprendendo, em todo o mundo, a fazer aquilo a que a imprensa começa a chamar de "guerrilha urbana".

Sim, senhores, assim foi gerado o Poder Jovem.

Mas por quê os jovens? Ou mais explicitamente, por quê os jovens estudantes? Para que estes seres apocalípticos, meio adulto, meio crianças? Por quê não os burocratas, por exemplo? Por quê não os políticos?

Lembro-me de que temia-se uma rebelião dos operários industriais. Alguns teóricos socialistas diziam que os trabalhadores acabariam se rebelando contra seus patrões. Seria a revolução socialista mundial. Depois falou-se na rebelião camponesa. Vivemos aqui em nosso país momentos de expectativa. Falou-se também na revolta das mulheres contra a supremacia masculina. Na Inglaterra as mulheres organizaram clubes femininos que chegaram a ter certa importância política: queriam a emancipação da mulher. Nos Estados Unidos a revolução negra está na ordem do dia. Há um Poder Negro. Mas por trás de todos esses movimentos agiganta-se o Poder Jovem. Sob a máscara de todos esses movimentos de revolta está a juventude.

Por quê o Poder Jovem? Por quê a juventude conseguiu colocar seus problemas escondidos nos demais?

A meu ver a resposta está contida em dois fatos fundamentais: Primeiro, no fato de a juventude constituir a grande maioria da população ativa em nossos dias; em segundo lugar, no fato de a grande parte dos jovens se encontrarem naturalmente organizados nas escolas e universidades.

Vejam: com o desenvolvimento da técnica e das pesquisas científicas, principalmente no campo da medicina, com a descoberta dos antibióticos e o desenvolvimento dos meios de comunicação, as taxas de mortalidade infantil e juvenil caíram vertiginosamente. Em consequência disso a grande parte da população mundial passou a ser constituída de pessoas de menos de vinte anos. Estudos recentes levam a crer que essa tendência deverá acentuar-se nos próximos anos. Em decorrência disso esta faixa da população começou a exercer uma grande pressão sobre o mercado de trabalho. Os jovens começaram a concorrer com os mais velhos e a vender sua força de trabalho por preços mais acessíveis, indo aos poucos ocupar importantes cargos em todos os ramos da atividade humana. Por outro lado, estes jovens, na luta pela sobrevivência foram arrastados e aprimoraram seus conhecimentos técnicos e científicos para enfrentar a concorrência. Passou a haver uma verdadeira corrida às escolas. Ali os jovens entraram em contatos uns com os outros e perceberam que existiam milhares de criaturas em condições idênticas às suas. As universidades transformaram-se em grandes centros de debates dos problemas que

— 396 —

enfrentavam. Nasceu então nas universidades uma vanguarda juvenil que passou a dirigir todo o movimento jovem do mundo. O estudante levava para a empresa e para casa as idéias que assimilava na universidade. Muitas vezes era comum que estudantes da mesma escola eram também colegas de serviço. Os jovens passaram então a se unir nos diversos centros de atividades, tendo como referência, como ponto comum, a universidade. Levas e mais levas de jovens continuavam a assediar a universidade que se mostrou incapaz de atender à demanda.

Por outro lado, o mercado de trabalho mostrava-se acanhado para colocar o grande número de estudantes que se formava todos os anos. O protesto estudantil começou a se dirigir contra as pequenas dimensões das universidades e contra os estreitos limites do mercado de trabalho. Era preciso criar uma universidade mais arejada, mais ampla, mais diversificada, mais dinâmica, maior e era preciso também promover o desenvolvimento econômico de forma a ampliar o mercado de trabalho.

Mas a sociedade mostrava-se incapaz de realizar este sonho.

Enquanto isso, estava acontecendo outra coisa: os velhos interessados em manter o estado de coisas passavam a depender cada vez mais das universidades para manter seus privilégios. Isto porque ela se transformava num grande centro de treinamento, de onde eram recrutados os homens de que necessitavam. Portanto a universidade passou a ser um grande centro de pesquisas uma enorme fábrica de idéias. Em síntese: as universidades se constituíam num Poder: num Poder Jovem.

Assim é que os jovens universitários começaram a tomar a frente da luta contra as velhas instituições que impediam o desenvolvimento e o progresso. É a isso que estamos assistindo hoje no mundo. São os universitários os verdadeiros manipuladores do Poder Jovem. São eles môças e rapazes; negros e brancos; católicos, protestantes ou materialistas; franceses e ingleses, italianos, vietnamitas ou brasileiros, os donos do Poder Jovem.

Universitários de ambos os sexos, de tôdas as raças, de todos os credos políticos ou religiosos, de tôda as nacionalidades desfraldam hoje uma só bandeira: a bandeira da Liberdade. Na verdade trata-se disso: da Liberdade. Quando lutam contra uma universidade incapaz de comportar o grande número de estudantes que dia a dia batem às suas portas, estão lutando pelo direito de estudar, pelo direito de conhecer, pelo direito de se informar sobre o que se passa no mundo. Contra as imposições de uma ordem que lhes impedem agir como lhes dita a consciência e como requer a própria realidade para que possam sobressistir. Enfim: querem a liberdade de se informar, a liberdade de estudar, a liberdade de pensamento para todos. Querem acabar com um sistema que se transforma numa força estranha a eles e passar a conduzir os seus passos. Querem se tornar homens capazes de decidir sobre seu próprio destino e jogar por terra as barreiras que impedem que isso aconteça.

— 397 —

A violência juvenil é a violência a serviço da Liberdade. É a dos que querem a democracia contra a violência dos que querem a tirania. É a violência dos que lutam pelo direito dos homens conhecerem, a violência dos que impõe o primado da própria violência. É a violência dos que a concebem como meio de realização humana, contra a violência dos que a utilizam como um fim.

É a violência a serviço da liberdade, contra a violência a serviço da opressão.

Na verdade Senhores, os universitários têm duas reivindicações fundamentais: a liberdade e a reforma universitária. Mas o que é a reforma universitária senão a própria liberdade. É uma liberdade que toca mais de perto o estudante, sem deixar de tocar indiretamente todo o povo. Em última análise lutam por uma só coisa: a Liberdade.

A Liberdade dos homens de se autodeterminarem.

A luta dos estudantes é a luta da liberdade contra a opressão.

A luta das jovens forças do país contra o obscurantismo institucionalizado.

O SR. PRESIDENTE (*Matheus Schmidt*) — Lamento informar a V. Exa. que seu tempo já está esgotado de quase 10 minutos.

O SR. ALMIR TOURISCO — Estou terminando, Sr. Presidente.

O Sr. *Raul Brunini* — Nobre Deputado, não pude resistir à tentação de apartear, porque V. Exa. faz uma análise muito bem feita dos últimos acontecimentos. Queira aceitar Vossa Excelência as nossas felicitações, porque realmente nela se percebe critério, o senso apurado das conseqüências do que aí ocorre, e, sem dúvida, uma advertência muito séria àqueles que dirigem os destinos da Nação. V. Exa. presta hoje um excelente serviço ao próprio Governo, se atender às palavras que está proferindo com tanta lucidez desta tribuna. (*Muito bem.*)

O SR. ALMIR TURISCO — Muito obrigado a V. Exa.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, assumi o mandato que foi conferido pelo povo, consciente do papel que está reservado aos parlamentares em nossos dias.

Consciente de que a harmonia dos três Podéres da República metamorfoseou-se numa formalidade sem nenhuma correspondência objetiva.

Consciente de que o Poder Legislativo é hoje um mero poder auxiliar e secundário. Assumi o mandato sabendo que a República conta com um só poder: o Poder Executivo. Assumi o mandato sabendo que a força de nossas palavras, de nossas idéias, de nossa razão, de nossa lógica, de nada valem frente à força real a qual o Governo se apóia: a força das armas.

Assumi o mandato sabendo que o direito que o povo nos concedeu, o direito e o dever de representá-lo, tornaram-se impossível de serem exercidos.

— 398 —

Nem por isso, Senhores, nós, aqueles que tiveram a ingenuidade de tentar valer-se da razão para defender os interesses do povo, estamos dispostos a nos curvar ante a violência oficializada.

Lutaremos com nossas armas, rôtas e ultrapassadas, resistiremos com a razão e o entendimento, até a última idéia.

Nós, nós, os que não entendem a linguagem da violência e da bestialidade, nós, o Poder Desarmado, nós não contamos com ajudas estrangeiras, nós os parlamentares, sem pedras, sem porretes, sem bombas e sem guitarras, aqui estamos apenas com a nossa razão e com nossa coragem. Nós, o Poder Desarmado.

Senhores, não basta dizer da nossa disposição de luta. Não basta afirmar que usaremos as armas da razão. É preciso dizer antes de mais nada decidir de que lado estamos. Será preciso dizer?

Srs. Deputados, representamos aqui grupos de interesses contrários. Isto é preciso ficar claro. Não podemos continuar indefinidamente tapando o sol com a peneira. Todos fomos eleitos com os votos do povo. Alguns de nós continuaremos usando da palavra, da razão e do entendimento, para levar às últimas conseqüências a realização das aspirações populares. Outros se curvarão sobre o peso da ditadura, ou tratarão de salvar a própria pele.

Na verdade Senhores, tanto uns quanto outros, tanto os defensores da tirania, quanto os defensores do povo, tanto a situação quanto a oposição, têm algo em comum: ambos só dispõem para lutar, das armas da razão, ambos constituem uma força fora de moda, uma força secundária da batalha que se trava longe desta Casa, uma luta que é decidida nas ruas e nas praças públicas, entre o Poder de Fato e o Poder Jovem.

É preciso saber, sobre as ordens de quem colocamos nossas armas, as armas da razão.

É preciso saber, que nos identificaremos com os interesses populares, defendidos também pelo Poder Jovem.

É preciso saber, Senhores, que defenderemos as liberdades públicas, o nosso próprio direito de expressar a vontade popular.

É preciso saber que continuaremos a nos valer do dever e do direito de representar o povo que êle nos outorgou para garantir a livre realização das necessidades humanas. *(Muito bem. Palmas. O orador é cumprimentado.)*

Durante o discurso do Senhor Almir Turisco, o Senhor José Bonifácio, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Matheus Schmidt, Segundo Vice-Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. Gabriel Hermes.

FISCALIZAÇÃO

O SR. GABRIEL HERMES — Sr. Presidente, Srs. Deputados, não é praxe nem hábito dar notícias ou prestar contas dos trabalhos que realizamos ou, pelo menos, é praxe pouco comum. Vou fazer, neste final de período legislativo, a prestação de contas de uma tarefa que me foi atribuída.